

Dívida pública cai

Os consecutivos superávits recorde estão surtindo efeito sobre a dívida líquida do setor público, que caiu R\$ 4,346 bilhões em agosto, para R\$ 941,313 bilhões. Mas o número que realmente agradou o financeiro foi a queda na relação entre dívida e o Produto Interno Bruto (PIB), para 54,1%, o menor indicador desde abril de 2003, quando bateu em 52,7%, devido à valorização de 13,82% do real frente ao dólar.

Em dezembro do ano passado, essa relação estava em 58,7%, deixando a sensação no mercado de que o esforço fiscal feito pelo governo não estava sendo suficiente para mudar a trajetória da dívida, que só fez crescer nos últimos dez anos. "A queda de 4,6 pontos percentuais na relação entre a dívida e o PIB é a resposta mais importante do ajuste fiscal", destacou o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Altamir Lopes. Não sem motivo.

Quanto menor for tal rela-

ção, mais confiança os investidores terão em comprar títulos públicos, mais rapidamente as taxas de juros vão cair e maior será o prazo de vencimento dos papéis emitidos pelo Tesouro Nacional. A estimativa de Altamir é de que a dívida feche o ano na casa dos 55% do PIB, mantido o cenário traçado pelo mercado, de dólar a R\$ 3,02, juros de 16,75% e crescimento econômico próximo de 4,5%.

Segundo o economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o atual aumento dos juros será compensado pelo superávit primário maior, de 4,5%. Cada ponto percentual de alta da taxa básica (Selic) representa um aumento de 0,29 ponto percentual na relação entre a dívida e o PIB num prazo de 12 meses. Não foi à toa, portanto, que o ministro da Casa Civil, José Dirceu, voltou a pedir ontem a queda dos juros. (VN)